
CONCLUSÕES

Este estudo teve como propósito central examinar o acento lexical no português brasileiro, a partir de uma perspectiva metodológica que conjugasse teorias fonológicas com evidências experimentais. Optou-se por uma abordagem experimental e que considerasse tanto aspectos da produção quanto da percepção do acento.

Foram realizados quatro experimentos: um de produção e três de percepção de fala. No experimento de produção, avaliamos propriedades acústicas e fonatórias envolvidas na realização do acento. Testamos cinco participantes de Minas Gerais, por meio da gravação simultânea do sinal da fala, do sinal eletroglotográfico e da movimentação facial. Verificamos que a principal propriedade acústica empregada na realização do acento é a duração, capaz de diferenciar sílabas acentuadas de pretônicas e postônicas e as últimas entre si. Também se mostraram relevantes F0 e intensidade, mas com menor poder de contraste. Da interação entre acento e foco, pudemos verificar que as propriedades acústicas envolvidas na produção do acento estabelecem uma relação complexa em termos da sinalização de proeminência no nível da palavra (acento) e em nível superior a ela (foco). Considerando a articulação no nível glótico, sugerimos que estratégias individuais de implementação fonatória para alteração de F0 e intensidade podem

ser pontos de atenção. Os resultados obtidos corroboram estudos anteriores de outras variedades de português brasileiro.

Os experimentos de percepção foram elaborados com o objetivo de avaliar a interação entre proeminência acentual e acesso lexical. O experimento 1 consistiu em tarefa de desambiguação de sequências não linguísticas com base em relações de proeminência. Os resultados obtidos neste experimento indicam que as propriedades acústicas exercem influência na percepção da proeminência em padrões sonoros, em termos de tendências gerais. Sugerimos que a interação entre a força exercida pela estrutura linguística e a força pela interpretação não linguística tem como consequência a emergência de padrões complexos de resposta.

O experimento 2 (CANTONI, 2017) envolveu tarefa de desambiguação, como o experimento 1, mas foram utilizados estímulos linguísticos – sequências de sílabas ambíguas em termos de identificação lexical. Os resultados obtidos neste experimento indicam que a percepção do estímulo ambíguo como paroxítona ou oxítona depende da frequência relativa de ocorrência das palavras paroxítona e oxítona associadas ao estímulo. Tal relação pode ser interpretada como uma evidência positiva de que o uso linguístico influencia o acesso lexical e de que, portanto, informações sobre a frequência de ocorrência das palavras devem ser armazenadas no léxico – e com elas, o próprio acento.

Já o experimento 3 abordou a percepção categórica, testando a identificação de pares mínimos em um contínuo de sons intermediários manipulados. Os resultados levantados experimentalmente comprovam a influência da frequência de ocorrência na identificação de palavras em um contínuo de ambiguidade. Tal resultado tem duas grandes consequências em termos de implicações teóricas. Em primeiro lugar, pode ser interpretado como evidência empírica da influência do uso linguístico na percepção da fala, como atestado na literatura. Em segundo lugar, serve também como evidência de que o acento deve ser lexicalmente especificado, uma vez que, na ausência de informações sobre a estrutura sonora, uma informação lexicalmente armazenada – a frequência de uso – foi capaz de influenciar a identificação das palavras.

No capítulo 5, apresentamos uma proposta de abordagem multirrepresentacional do acento no português que parte do sistema latino. Nessa proposta, a acentuação do português teria emergido com a auto-organização de variáveis do sistema acentual latino em decorrência de uma série de mudanças fonológicas desencadeadas pela perda da quantidade vocálica. Defendemos que a presença de mais de uma pista acústica para a sílaba acentuada (relação de troca) possibilitou que a duração passasse a exercer um papel relevante no contraste entre

formas reduzidas e não reduzidas. Em decorrência do fenômeno de cancelamento de vogais átonas finais, que tem ampla ocorrência na variedade mineira, ocorre uma reestruturação dos padrões silábicos: paroxítonas se tornam oxítonas pelo cancelamento de vogais átonas (e.g. *passé* [ˈpas]); proparoxítonas se tornam paroxítonas ou mesmo oxítonas, seja pelo mesmo fenômeno, seja pela formação de encontros consonantais (e.g. *príncipe* [ˈprĩsipi] ~ [ˈprĩspi]); novas proparoxítonas são formadas por epêntese (e.g. *ritmo* [ˈhitʃimʊ]). Esse percurso de reestruturação pode ser interpretado, em uma perspectiva dinâmica, como decorrente da auto-organização do sistema sonoro, em que se mantêm os padrões acentuais, mas mudam as palavras associadas a cada padrão. Nas palavras reduzidas, a duração opera como detalhe fonético fino no fenômeno de redução vocálica, mantendo a distinção entre as palavras: *paz* [ˈpas] apresenta vogal com menor duração que a vogal de *passé* [ˈpa:s] reduzido. A alternância deixa de ser entre presença e ausência de vogal final ou entre oxítone e paroxítone, passando a ser determinada pela duração – de certa forma retomando a propriedade de quantidade vocálica existente anteriormente no latim.

A proposta apresentada neste estudo, de que o acento é lexicalmente especificado, adicionalmente recebe suporte de evidências de novas palavras formadas com padrões sonoros inovadores, que não podem ser explicadas recorrendo-se ao peso silábico, como *Wilson*, *modem*, *mórmon*, *pôster*, *contêiner*. Argumentamos que informações sobre a proeminência acentual no nível da palavra estão presentes no léxico, o que explicaria com sucesso os efeitos de frequência encontrados experimentalmente na percepção do acento e inovações sonoras recentes. Propusemos uma modelagem do acento como resultado de generalizações a partir de exemplares, generalizações que seriam responsáveis pelas tendências gerais na distribuição do acento no léxico e sua interação com a gramática.

Várias questões interessantes surgiram ao longo do desenvolvimento deste trabalho e não puderam ser abordadas, por merecerem um tratamento extenso. Por exemplo, em análises linguísticas multirrepresentacionais, como a que aqui realizamos, torna-se necessário lidar com a complexidade das relações lexicais e sua influência na frequência de uso. Sabemos que as palavras sofrem influência dos campos lexicais a que pertencem. Em termos quantitativos, tal fator é geralmente considerado na forma de densidade da vizinhança lexical – fonológica, semântica, morfológica. Como determinar o peso a ser conferido a cada tipo de densidade? Como conjugar os efeitos exercidos pela frequência lexical de tipo e de ocorrência e pela densidade da vizinhança, em seus vários tipos?

Restam ainda a analisar os dados de movimentação facial coletados no experimento de produção de fala por meio do Optotrak. Esses resultados poderão contribuir para a compreensão dos mecanismos de coordenação de gestos e sua relação com as propriedades acústicas envolvidas na proeminência acentual.

Como palavra final, este trabalho teve o mérito de conjugar modelos teóricos diferentes dos tradicionalmente utilizados na análise do acento no PB, propondo uma abordagem original, pela modelagem em redes com princípios dinâmicos de funcionamento.